

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL**

SERGIO LUCAS PEREIRA VITORIO

**ANCESTRAL:
A CONSTRUÇÃO DE UM HORROR FANTÁSTICO E A CULTURA
AFRO - BRASILEIRA**

**São Cristóvão – SE
2021**

SERGIO LUCAS PEREIRA VITORIO

ANCESTRAL:

A CONSTRUÇÃO DE UM HORROR FANTÁSTICO E A CULTURA AFRO -
BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de grau de Bacharel em Cinema e
Audiovisual no Departamento de Comunicação
Social da Universidade Federal de Sergipe.

Orientação: Prof.^a. Dra. Damyler Ferreira Cunha

SERGIO LUCAS PEREIRA VITORIO

ANCESTRAL:

**A CONSTRUÇÃO DE UM HORROR FANTÁSTICO E A CULTURA AFRO -
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de grau de Bacharel em Cinema e
Audiovisual no Departamento de Comunicação
Social da Universidade Federal de Sergipe.

Nota: _____

Data de apresentação: ____/____/____

BNACA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Damyler Ferreira Cunha

Prof.^a. MsC. Luciana Oliveira Vieira

Prof. Dr. Diogo Cavalcanti Velasco

AGRADECIMENTOS

Saúdo meus ancestrais, e agradeço a todos aqueles pretos e pretas que lutaram para que pessoas como eu pudessem viver em uma sociedade, onde apesar das dificuldades que enfrentamos, ainda assim foi possível a realização desse trabalho de conclusão de curso.

Agradeço meus pais, Vânia e Vitorio, por me apoiarem e possibilitarem que eu me mudasse para Aracaju para cursar Cinema, aos meus tios e tias que me acolheram nessa cidade de muito bom grado e satisfação. Agradeço a minha irmã Carol que sempre me escuta e me apoia nas coisas que eu faço na vida.

Gostaria de registrar um especial um agradecimento a Lexa Silvestre, por estar ao meu lado nesse caminho, lendo, sugerindo e contribuindo para que eu pudesse terminar esse ciclo.

Deixo aqui o agradecimento a todos os colegas e professores, do curso de Cinema e Audiovisual, da UFS, que contribuíram para meus estudos em cinema e para o meu desenvolvimento como pessoa.

Por último, porém não menos importante agradeço a minha orientadora, Damyler Ferreira, por me ajudar, nessa etapa final e trazer diversos pontos de reflexão ao longo da minha escrita, que com certeza transformaram a forma como eu desenvolvi este trabalho.

Muito obrigado.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar a construção do roteiro do curta-metragem Ancestral, narrativa que busca como proposta mostrar a reconexão da personagem Dandara com sua ancestralidade, a partir da sua experiência com o Quibungo. É a partir do encontro com esse ser misterioso que Dandara percebe que o vínculo com suas raízes ainda pequeno e existe muita coisa a ser entendida. A partir da contextualização sobre o gênero horror, e passando pelo entendimento sobre a ancestralidade afro brasileira, trago uma reflexão sobre racismo e os desafios enfrentados pelos afrodescentes nessa sociedade que apesar de muito ter progredido ainda tem que lutar contra um racismo estrutural.

Palavras-chaves: ancestralidade, negro, horror, fantástico, quibungo, curta-metragem

Abstract

This work aims to show the construction of the script for the short film *Ancestral*, a narrative that seeks to show the reconnection of the character Dandara with his ancestry, based on his experience with Quibungu. It is from the encounter with this mysterious being that Dandara realizes that the link with her roots is still small and there is a lot to be understood. From the contextualization of the horror genre, and through the understanding of Afro-Brazilian ancestry, I bring a reflection on the challenges that prejudices faced by Afro-descendants in this society, which despite having progressed a lot, still has to fight against structural racism.

Keywords: ancestry, black, horror, fantastic, kibungu, short film

Resumen

Este trabajo pretende mostrar la construcción del guión del cortometraje Ancestral, una narrativa que busca mostrar la reconexión del personaje Dandara con su ascendencia, a partir de su experiencia con Quibungu. Es a partir del encuentro con este misterioso ser que Dandara se da cuenta de que el vínculo con sus raíces aún es pequeño y hay mucho por entender. Desde la contextualización del género de terror, y a través de la comprensión de la ascendencia afrobrasileña, traigo una reflexión sobre los desafíos y los prejuicios que enfrentan los afrodescendientes en esta sociedad que, a pesar de haber avanzado mucho, aún tiene que luchar contra las estructuras estructurales. racismo.

Palabras clave: ascendencia, negro, terror, fantástico, kibungu, cortometraje

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. - Ícones do horror	2
Figura 2. Cartaz do filme À Meia-Noite Levarei Sua Alma	2
Figura 3. - SANKOFA	2
Figura 4. Quibungo.....	2
Figura 5. HQ "Cumbe"	2

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONTEXTUALIZANDO O CINEMA DE TERROR.....	13
2.1. CINEMA DE HORROR NO BRASIL.....	17
2.2. IDENTIDADE E PERTENCIMENTO DO CORPO NEGRO NO CINEMA....	21
3. ANCESTRALIDADE.....	22
4. CULTURA AFROBRASILEIRA.....	24
5. O QUIBUNGO.....	26
6. CURTA-METRAGEM ANCESTRAL.....	28
6.1. SINOPSE.....	32
6.2. ARGUMENTO.....	33
6.3. ROTEIRO.....	34
6.4. DELINEAMENTOS ESTÉTICOS.....	35
6.4.1. FOTOGRAFIA.....	35
6.4.2. SOM.....	35
6.4.3. ARTE.....	36
6.4.4. ATUAÇÃO.....	36
6.4.5. MONTAGEM.....	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
8. REDERÊNCIAS.....	41
9. REFERÊNCIAS FILMICAS.....	43
10. ANEXOS.....	45
10.1. ROTEIRO.....	46
10.2. STORYBOARD	56

1. INTRODUÇÃO

Ancestral é um curta-metragem que surgiu da ideia de se construir uma narrativa de horror/terror que traga elementos característicos de filmes clássicos do gênero e que traz a temática da representatividade negra na produção cinematográfica, a partir de 3 eixos: o protagonismo do corpo negro, a não-estereotipização dos personagens e o resgate da ancestralidade africana.

A centralidade do mito do Quibungo, um ser ancestral e misterioso que aparece em determinados lugares, principalmente na mata, atrás daqueles que se comportam mal, será elemento norteador e cujo mistério sobre sua veracidade sustenta a atmosfera de suspense no curta-metragem, buscando a criação de um terror fantástico que traga ancestralidade negra, a cultura que se originou a partir dela e a reconexão com um passado cultural muito rico, mas que foi perdido após séculos de escravidão no Brasil.

O entendimento sobre ancestralidade se relaciona muito com um processo de se entender como indivíduo, eu como um homem negro levei bastante tempo para entender a minha negritude. A partir do momento que esse entendimento se tornou necessário para minha construção, alguns pontos começaram a gerar indagações: “De onde eu vim?”, “Quem são meus antepassados?”, “De onde eles vieram?”, “Que histórias contavam?”.

Essa necessidade de me conectar com minha ancestralidade e entendê-la foi a fagulha para a construção de *Ancestral*. Quanta cultura foi perdida e roubada pela escravidão, e sua construção de sociedade que perdura até hoje no racismo sofrido por pessoas negras? A conexão de toda uma sociedade foi rompida e isso se deu de maneira tão eficaz, ao longo dos anos, que mesmo numa sociedade onde nunca se foi tão fácil ter acesso as mais variadas fontes de informação, ainda assim é muito difícil para um indivíduo negro encontrar as raízes dos seus antepassados com precisão, e conhecer mais a fundo suas origens mais longínquas.

Existe um provérbio tradicional entres os povos de língua Akan da África Ocidental, que diz: “*se wo were fi na wosan kofa a yenki*” traduzido: “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”, desse provérbio surge o conceito do Sankofa que é

representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, esse símbolo Adinkra¹ é bastante significativo, pois é um lembrete de que sempre se é possível olhar para o passado na busca de se construir um futuro melhor.

Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de auto-identidade e redefinição. Simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. É parte do conhecimento dos povos africanos, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro. (SANKOFA, 2020, p.5)

A partir disso busco com o curta-metragem *Ancestral* trazer uma narrativa de protagonismo negro e que ao mesmo tempo entretenha aos espectadores como uma obra audiovisual capaz de chegar nos mais variados tipos de públicos. Busco também construir uma narrativa que traga uma reflexão sobre ser negro e se relacionar com o passado cultural do seu povo.

Busco mais especificamente disseminar o mito do Quibungo, o elemento fantástico do qual será o ponto chave para se falar da conexão dos negros com sua ancestralidade que foi perdida após anos de escravidão e sofrimento. A história será contada a partir das descobertas da protagonista, Dandara, que é uma jovem negra que está entendendo sua ancestralidade. A partir disso ela vai se deparar com o mito do Quibungo e perceber que aquele ser talvez seja muito mais que apenas uma história.

Pensando a estruturação deste trabalho de forma a criar uma cronologia de conhecimentos que acabem na explicação sobre a construção do curta-metragem *Ancestral*, o ponto de partida deste projeto se dá através de uma pesquisa bibliográfica por autores que falem sobre o gênero de horror/terror, como Noel Carroll e a jornalista e pesquisadora, Laura Cánepa, que embasam a conceitualização e a explicação de características do gênero.

Com isso busco trazer uma contextualização para o leitor sobre o gênero e sua evolução ao longo da história do cinema até chegar em uma reflexão sobre a

¹ Conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios. O adinkra, dos povos Acã da África ocidental (notadamente os Asante de Gana), é um entre vários sistemas de escrita africanos, fato que contraria a noção de que o conhecimento africano se resume apenas à oralidade.

identidade e pertencimento do negro no cinema comercial, com a força de produções mais recentes para dar voz ao tema da representação negra e o racismo.

Após essa contextualização do gênero, no segundo capítulo, me volto para pensar a ancestralidade e a cultura afro-brasileira, direcionando a pesquisa a autores que estudam o tema, e mostram como o resgate da herança cultural para os afrodescendentes é um instrumento de resistência, contra um sistema que tem o racismo na sua estrutura. (ALMEIDA,2018)

Dentro da cultura afro-brasileira me centralizo no mito do Quibungo. O livro “De Quibungos e meninos: um apanhado de histórias do bicho-papão em África e Brasil” (2010), organizado por Gleicienne Fernandes e Mariana Pithon, se tornou uma referência bibliográfica central neste projeto para discussão do mito do Quibungo e de seu contexto de disseminação pelos descendentes de povos africanos que viveram no estado da Bahia.

O livro serviu como base para aprofundarmos nossos estudos sobre como ainda existem diversos elementos culturais que são desconhecidos pela maioria das pessoas, e como essa diversidade cultural pode ser uma rica fonte de inspiração para construção de narrativas originais.

Todos esses entendimentos se tornaram necessários para que então eu pudesse desenvolver o roteiro do curta-metragem *Ancestral*, e para parte final desse trabalho de conclusão de curso me debruço a explicar a forma como essa narrativa foi pensada e a intenção que desejo passar com a elaboração desse curta.

2. CONTEXTUALIZANDO O CINEMA DE TERROR



Figura 1. - Ícones do horror, pelo artista Chris Labrenz. Fonte: <http://www.aescotilha.com.br/cinema-tv/espanto/por-que-adoro-filmes-de-horror/>

O horror no cinema vem, inicialmente, como um desdobramento do que foi criado por outras formas de arte, como a literatura e o teatro, onde os conceitos e principais características narrativas do gênero já tinham sido construídas e formatadas, como traz Laura Cánepa em “Medo de que? uma história do horror nos filmes brasileiros”:

O cinema foi, possivelmente, o principal veículo para a ficção de horror no século XX, absorvendo influências da literatura, do teatro, dos espetáculos urbanos, das histórias em quadrinhos, do jornalismo etc. Sua natureza híbrida e mutável ao longo de quase 120 anos exige que, para defini-lo, sejam discutidas questões teóricas e históricas que levem em conta seu desenvolvimento ao lado das mudanças sociais e artísticas que atravessaram o século, ... (CANEPA, 2018, p.75)

Desde o surgimento do cinema como uma manifestação “artística”, narrativas que traziam o fantástico, o terror e o místico já estavam presentes, George Méliès entre o final 1890 e os primeiros anos de 1900, traz diversos elementos fantásticos para seus filmes, e com *Solar do Diabo (Le Manoir du diable)*, de 1896, mostra ao mundo o que ficou conhecido como o primeiro curta de terror da história.

Quanto a *O Solar do Diabo*, a história quase não é uma história, mas ainda assim existe algo ali, algo especial. Tudo começa com um morcego que entra em um castelo e se transforma em Mefistófeles. Ele então se levanta sobre um caldeirão e evoca uma garota, também alguns fantasmas e esqueletos e bruxas (e um assistente com um tridente). Entram em cena dois cavalheiros. Eles são atormentados pelas entidades e no final das contas um deles enfrenta o Diabo, brandindo um grande crucifixo e fazendo com que o demônio desapareça. (CESAR, 2019, p.1)

Após as experimentações de Méliès o cinema continuou a desenvolver suas próprias linguagens, na Alemanha é que começamos a ter o desenvolvimento de um verdadeiro cinema de horror como diz Laura Cánepa:

...o horror propriamente dito chegaria ao cinema um pouco mais tarde. Ainda que Meliès e outros diretores, como David Griffith e Thomas Edison, tenham feito experiências parecidas e registrado, seguidamente, vampiros, fantasmas e demônios no cinema, seus filmes estavam ligados ao cinema de atrações, muito mais concentrados na espetacularidade das trucagens do que nas histórias que estavam sendo contadas. Assim, o verdadeiro celeiro do horror cinematográfico na fase muda foi o fantástico cinema alemão. (CÁNEPA, 2018, p. 83)

O cinema de horror encontra em uma Alemanha pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um ambiente traumatizado e muito abalado com todos os acontecimentos. Esses traumas na sociedade alemã foram refletidos na produção artística da época influenciando em um movimento que já despontava em outros lugares da Europa.

O expressionismo alemão durante a década de 1920 desenvolveu diversas obras que trabalhavam com o horror, um reflexo claro dos impactos da Primeira Guerra Mundial na sociedade alemã. Obras como *O Gabinete do Dr. Caligari* (*Das Cabinet des Dr. Caligari*), de Robert Wiene, 1920, e *Nosferatu* (*Nosferatu, Eine Symphonie des Grauens*), de F. W. Murnau, 1922, são extremamente importantes para o desenvolvimento do gênero.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o gênero do horror encontrou também um novo lar na nascente arte do cinema. Filmes de horror no estilo que veio a ser conhecido como expressionismo alemão eram feitos na Alemanha de Weimar, e alguns deles, como *Nosferatu*, de F.W. Murnau, foram reconhecidos como obras-primas do horror. (CARROLL, 1999, p. 19)

Com o passar dos anos, o cinema de terror foi ganhando cada vez mais personalidade e características que o transformaram num guarda-chuva para um grande número de subgêneros que se desenvolveram a partir da temática do terror. Nas décadas de 1930 e 1940, os monstros são os grandes protagonistas. Adaptações de grandes clássicos da literatura de terror, que era muito popular desde o final do século XIX, marcaram a cinematografia do gênero durante essas décadas, trazendo cada vez mais a característica fantástica para as histórias. Grandes filmes como *Drácula*, de Tod Browning, 1931, e *Frankenstein*, de James Whale, 1931, que buscou

justamente no expressionismo alemão referências para construção do filme, são lembrados ainda hoje por sua importância.

Chegando nas décadas de 1950 e 1960 o gênero se mistura com o *sci-fi*, trazendo uma referência a toda corrida armamentista e desenvolvimento tecnológico gerado pela polarização do mundo com a guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética. *O Monstro da Lagoa Negra* (Creature from the Black Lagoon), dirigido por Jack Arnold, em 1954, que traz uma história que se passa na Amazônia Brasileira, é um clássico dessa época, que mostra como as fronteiras entre o terror e outros gêneros começam a se misturar.

Chegando no final da década de 1960 temos o lançamento de um filme que foi um marco na história do cinema de horror, *A noite dos mortos vivos* (Night of the Living Dead), George A. Romero, 1968. O filme traz os personagens Ben (Duane Jones) e Barbara (Judith O'Dea) na luta para sobreviver quando os mortos levantam de seus túmulos para se alimentarem dos vivos. O filme inova por colocar como protagonista da história uma pessoa negra, Duane Jones, que interpreta Ben, o que inovou e chamou muita atenção, como Robin Coleman traz em seu livro *Horror Noire*, de 2019, onde faz um panorama da representação do negro no cinema de horror:

A noite dos mortos vivos foi, sob qualquer ângulo, um avanço, o grande filme de terror “com negros” que era uma crítica ao status quo e que falava sobre revolta. Certamente tivemos estelas negras (significativamente, homens e mulheres) nos filmes de terror das décadas anteriores graças às contribuições de Spencer Williams, Oscar Micheaux e outros. Contudo, a apresentação de Ben foi inovador, diferente e importante, apenas pela novidade de seu encontro e tratamento dos brancos. Não havia desejo pela mulher branca ou submissão e vacilo. (COLEMAN, 2019, p. 201)

A partir dos anos 1970 temos um terror que começa a sair de um certo lado B do cinema e passa a chegar em muito mais pessoas e a atingir bilheteria muito maiores, grandes clássicos como *O Exorcista* (The Exorcist), William Friedkin, 1973, *O Massacre da Serra Elétrica* (Texas Chain Saw Massacre), Tobe Hooper, 1974, são dessa época, esse último fazendo parte de um subgênero que vai fazer muito sucesso,

que é o Slasher² - muito influenciado pelo terror Giallo³ produzido na Itália, o gênero vai marcar as décadas de 70 e 80 trazendo como característica a presença de um serial killer psicopata que faz diversas vítimas. A década de 90 dá continuidade aos Slashers com Pânico (Scream), de Wes Craven, 1996, e chegando ao seu final temos Bruxa de Blair (The Blair Witch Project), Daniel Myrick e Eduardo Sánchez, 1999, causando um grande espanto no público trazendo o estilo *found footage*⁴, que vai influenciar diversas produções realizadas nos anos 2000, de imagens amadoras, a princípio, produzidas pelos próprios participantes do evento que o filme mostra, isso faz com que a experiência de quem assiste ao filme seja completamente diferente, não se tem explícito a ficcionalidade da história, as fronteiras entre ficção e realidade se tornam muito mais ambíguas para os espectadores.

Ao longo de sua história o terror no cinema sempre esteve muito relacionado com o fantástico, criaturas como Drácula, Frankenstein, A múmia, seres extraterrestres e muitos outros fizeram parte da construção do gênero, porém nos anos 2000 começamos a ver o terror se voltar para uma construção mais psicológica do medo, focando menos em criaturas e mais no sobrenatural e construindo uma tensão constante.

² Slasher é um subgênero de filmes de terror quase sempre envolvendo assassinos psicopatas que matam aleatoriamente. Normalmente são feitos com baixo orçamento, daí são constantemente nomeados como "terror b".

³ Gênero literário e cinematográfico italiano de suspense e romance policial que teve seu auge entre as décadas de 1960 e 1980. O nome é uma referência às capas amarelas das revistas pulp italianas, publicadas a partir de 1929.

⁴ Trata-se de um filme que se passa por um documentário filmado com uma simples câmera. Muitas vezes o estilo é usado para filmes de terror.

2.1. CINEMA DE HORROR NO BRASIL



Figura 2. Cartaz do filme À Meia-Noite Levarei Sua Alma, José Mujica, 1964.

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%80_Meia-Noite_Levarei_Sua_Alma#/media/Ficheiro:Meia_Noite_Levarei_Sua_Alma_CN_01_10.jpg

O cinema no Brasil ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos, nunca conseguiu desenvolver um modelo de indústria, similar ao Hollywoodiano que possibilitasse uma infraestrutura e um ambiente de constante produção e desenvolvimento cinematográfico. No Brasil o cinema sempre se viu refém de ciclos, como o da Vera Cruz no final dos anos de 1940, onde se tentou criar uma indústria brasileira aos moldes do que era feito fora do país, porém com temas que fossem próximos ao nosso povo.

Passamos pelas chanchadas, na década de 1950, com suas comédias e musicais capitaneados pela Atlântida Cinematográfica, uma companhia cinematográfica do Rio de Janeiro responsável por grande parte das produções da época trazendo grandes figuras como Grande Otelo, Oscarito, entre outros. Até que chegamos em 1960 com o início do movimento do Cinema Novo, que propunha mostrar um Brasil desconhecido, com muitos conflitos políticos e sociais, trazendo

uma “Estética da Fome”⁵, como definiu o cineasta Glauber Rocha, grande representante do movimento ao lado de nomes como, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, Cacá Diegues e outros.

Ao mesmo tempo que o movimento do cinema novo despontava com seus filmes, o cinema de horror brasileiro tem seu marco inicial, a estreia do primeiro filme daquele que pode ser considerado pai do gênero no Brasil, José Mojica Marins, mais conhecido como Zé do Caixão. Em 1964 é lançado “À Meia Noite Levarei a Sua Alma”, dirigido por José Mojica Marins, que também encarnava o temível personagem Zé do Caixão, um coveiro psicopata obcecado por gerar o “filho perfeito” e por desafiar os poderes “do outro mundo”.

Se compararmos com outros gêneros cinematográficos no cinema brasileiro o horror aparece tardiamente, porém, como diz Laura Cánepa (2018), muitos elementos que fazem parte do gênero já podiam ser encontrados em filmes que não necessariamente eram categorizados no gênero de horror:

O horror demorou muito a estreiar no cinema brasileiro, ainda que sempre tenha sido recebido com grande aceitação por parte do público em suas versões importadas. Porém, se o gênero só ousou dizer seu nome em nosso cinema a partir da década de 1960, é preciso que se admita que ele não estava completamente excluído das produções nacionais. Ao contrário, elementos de seu universo já estavam presentes, ainda que de forma difusa, desde os tempos do cinema mudo – seja pela exploração sensacionalista da violência, seja pela abordagem do mundo sobrenatural, seja pela criação de atmosferas de medo em obras de suspense e mistério. (CÁNEPA, 2018, p. 137)

Dando seguimento com a sequência de seus filmes, Mojica lança em 1967, a continuação do seu filme anterior, “Esta Noite Encarnarei em Teu Cadáver”, e vai cada vez mais solidificando sua carreira com a produção de mais filmes que continuam a impactar o cenário da produção nacional e o conferem prestígio até mesmo fora do Brasil, tendo seus filmes lançados no Estados Unidos e na Europa, onde era conhecido como Coffin Joe.

Se é possível falar-se em uma época “de ouro” do cinema de horror nacional, essa época se concentra entre 1963 e 1983. Exatamente durante esses 20 anos, o Brasil viu o florescimento de uma extensa e variada cinematografia

⁵ Em 1965, o cineasta baiano Glauber Rocha, apresentou o documento durante o congresso Terceiro Mundo e Comunidade Mundial, na cidade italiana de Gênova. Na volta ao Brasil, publicou o manifesto, que se tornou uma espécie de estatuto do Cinema Novo, no terceiro número da Revista Civilização Brasileira – ele sugeriu o título *Eztetyka da Fome*.

de horror, dividida entre propostas marcadamente autorais e outras derivadas do filme erótico explorado à exaustão por produtores paulistas e cariocas. (CÁNEPA, 2018, p. 145)

Após essa era de ouro que o cinema de horror nacional teve, passamos por momentos difíceis na produção nacional, apesar de as produções não pararem, a dificuldade de se produzir era imensa, o país vivia uma ditadura militar com uma situação política e economicamente muito complicada o estado interferia diretamente nos filmes através da EMBRAFILME⁶, dificultando a produção e a livre expressão de ideias e temas. Mesmo com a redemocratização do Brasil, o cinema continuou a viver tempos sombrios durante o governo de Fernando Collor (1990-1992). Neste período, a Embrafilme, o Concine, a Fundação do Cinema Brasileiro, o Ministério da Cultura, as leis de incentivo à produção, a regulamentação do mercado e até mesmo os órgãos encarregados de produzir estatísticas sobre o cinema no Brasil foram extintos.

Após o impeachment do presidente Collor, seu vice, Itamar Franco, assume a Presidência da República em 1993 e inicia medidas como a implementação da Lei do Audiovisual, de 20 de julho de 1993. A Lei é um mecanismo de fomento à atividade audiovisual através de investimentos que podem ser abatidos em impostos fiscais pelas empresas investidoras. A viabilização de mecanismos de fomento para incentivar a infraestrutura de produção e exibição cinematográfica no Brasil possibilitou a retomada do cinema brasileiro, abrindo portas para serem produzidos diversos tipos de filmes, inclusive os de horror. Passo maior nessa direção foi dado com a abertura da Ancine⁷ para a gestão desses projetos audiovisuais incentivados.

Com a retomada do cinema brasileiro o gênero de horror/terror teve possibilidade de ganhar mais força no cenário nacional, possibilitando que em 2008 seu principal nome, José Mojica lançar seu último trabalho, “Encarnação do Demônio”, dando um final a trilogia iniciada com “A Meia Noite Levarei Sua Alma”.

Atualmente tivemos uma explosão na produção nacional do gênero, diversos filmes têm despontado, e vêm chamando a atenção dos críticos, nomes como Rodrigo

⁶ A Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima (Embrafilme), é uma empresa estatal, ativa entre 1969 e 1990, que desempenha papel fundamental para a produção e difusão do cinema no Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

⁷ A agência foi criada no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 6 de setembro de 2001, através da Medida Provisória n.º 2.228-1, posteriormente regulamentada pela Lei nº 10.454 em 13 de maio de 2002.

Aragão com seu horror fantástico misturado com o *gore*⁸, e elementos da cultura regional brasileira, vêm ajudando a manter vivo o cinema de horror brasileiro.

Além de Aragão temos, Denílson Ramalho que inicia sua carreira em longas em “A Meia Noite Levarei Sua Alma”, onde assina o roteiro ao lado de José Mojica, e ganha notoriedade com o filme “Morto Não Fala”, de 2018. Juliana Rojas e Marcos Dutra também são nomes que despontam no cenário nacional com seus filmes, “Trabalhar Cansa”, de 2011, e “As Boas Maneiras”, de 2017, este último trazendo elementos fantásticos e discussões bastantes pertinentes no atual cenário político e social brasileiro.

O cinema de horror sempre caminhou com a crítica e se utilizou de alegorias para falar sobre o momento que passava e a sociedade de sua época, diante disso as produções brasileiras contemporâneas, cada vez mais tem dado voz a essas críticas sociais, filmes como “As Boas Maneiras” (2018), que colocam a mulher no protagonismo, o falam sobre as mazelas sociais do Brasil e a desigualdade racial que ainda assombra nossa sociedade ajudam a pôr em discussão esses temas. “Nó do Diabo”, 2017, traz uma narrativa de cinco contos de horror, dirigidos por Ramon Porto Mota, Ian Abé, Gabriel Martins e Jhésus Tribuzi, e que falam sobre crueldade da escravidão em uma fazenda canavieira, trazendo a discussão e reflexão sobre essa mazela da sociedade brasileira.

Mais recente o curta “Egum”, 2020, do diretor Yuri Costa vem chamando a atenção, com uma narrativa que fala sobre espiritualidade e sobre como é ser negro no Brasil, o filme traz um renomado jornalista negro que retorna para a casa de sua família na favela, após anos afastado devido à violenta morte do irmão, para cuidar de sua mãe, que sofre uma grave e desconhecida doença. Numa noite, o jornalista recebe a visita de dois estranhos, que têm negócios desconhecidos com seu pai. Esse encontro, juntamente com acontecimentos que o levam a desconfiar que algo sobrenatural se abateu sobre sua mãe, fazem-no temer uma nova tragédia. Uma

⁸ Também conhecido como Splatter, é um subgênero do cinema de terror que, deliberadamente, se concentra em representações gráficas de sangue e violência. Estes filmes, por meio da utilização de efeitos especiais, tendem a apresentar um interesse evidente na vulnerabilidade do corpo humano e na sua teatral mutilação.

narrativa de de terror afro-surrealista, que contribui para mostrar como o cinema negro brasileiro é rico em narrativas e possibilidades.

Em um momento em que a discussão racial é de importante relevância o cinema de horror também traz isso para suas narrativas, e independentemente de serem feitas através de longas ou curta metragens, essas discussões estão presentes e se colocam como instrumentos para o questionamento da sociedade, trazendo a reflexão e esclarecimento.

2.2. IDENTIDADE E PERTENCIMENTO DO CORPO NEGRO NO CINEMA

O cinema como reflexo de uma sociedade muito desigual e preconceituosa, por anos, se viu reforçando padrões e contribuindo para uma falta de diversidade e inclusão em suas obras. Essa visão preconceituosa com o passar das décadas, cada vez mais, foi debatida e colocada em evidência, como uma forma de buscar uma mudança no cenário.

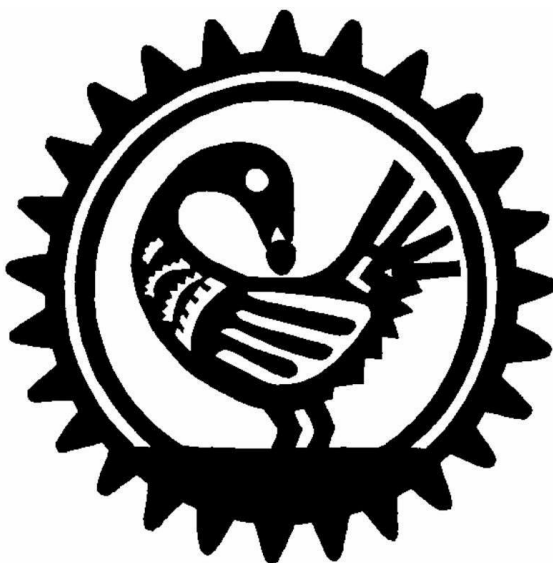
O gênero do terror como qualquer outro dentro do cinema esteve por décadas muito mais ligado a narrativas que traziam pessoas brancas como protagonistas e narrativas que a elas estavam relacionadas, e pouco fez para trazer nas suas histórias narrativas que buscassem uma maior pluralidade de gêneros e raças. Diante disso diversos estereótipos foram criados e com o tempo contribuíram por reforçar a imagem muito prejudicial de inferioridade para com os negros. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 55% das pessoas do Brasil se declaram negras ou pardas⁹. Esse número nos faz crer que existe, em consequência, um aumento da necessidade de que as narrativas cinematográficas cada vez mais busquem trazer histórias que façam com que essas pessoas possam se identificar, vendo suas realidades e seus dilemas na tela.

Apesar de recentemente filmes como “Corra!” (Get Out), 2017, e “Nós” (Us), 2019, do diretor Jordan Peele terem chamado a atenção para a importância de se trazer narrativas que falem sobre a questão racial e que coloquem negros como

⁹ Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, com base na projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação.

protagonistas dessas histórias, ainda há muito a ser feito, principalmente no cinema brasileiro. Trazer uma reflexão sobre a representação dos negros dentro dos filmes do gênero e buscar narrativas que tragam elementos da cultura negra só tem a enriquecer ainda mais as possibilidades para as histórias e contribuir para a quebra de paradigmas.

3. ANCESTRALIDADE



*Figura 3. - SANKOFA. Fonte:
<https://www.itaucultural.org.br/sankofa-nao-e-errado-voltar-atras-pelo-que-foi-esquecido>*

Entender de onde se vem e quem são suas origens é de extrema importância para se entender como indivíduo no presente. Quando se fala sobre ancestralidade o conceito segundo o dicionário diz que é: “O que se recebeu das gerações anteriores; hereditariedade”. (ANCESTRALIDADE, 2021).

Para além desta definição, a ancestralidade, mais especificamente a do povo negro no Brasil, pode ser pensada como a ligação com toda uma cultura e um modo de se viver, uma filosofia de vida que tem reflexos na forma como o indivíduo se enxerga e como se posiciona perante toda a sociedade. Esse entendimento contribui para que possamos refletir sobre os caminhos que levaram a sociedade brasileira a ser construída de forma tão desigual e os processos para mudar isso, como dizem os pesquisadores Ricardo Oliveira de Freitas e Sandra Andrade dos Santos: “Refletir

sobre a ancestralidade no Brasil é refazer caminhos de esquecimentos e omissões, e na contemporaneidade é refazer caminhos de resistência e ressignificações.” (FREITAS e SANTOS, 2018, p. 130).

A história do povo negro tem muita força, suas crenças, deuses, sempre desempenharam grande papel nas suas vidas. Com a escravidão houve uma tentativa de cortar essa conexão, sociocultural, como forma de diminuir e subjugar as pessoas negras, porém a relação delas com suas origens e sua cultura era muito mais forte do que qualquer forma de agressão ou tentativa de intimidação utilizada pelos escravagistas, como Ale Santos conta em seu livro *Rastros de Resistência*:

...havia uma crença entre alguns povos africanos de que para esquecer algum fato de sua vida, você poderia dar voltas em torno de um baobá. Assim, antes de embarcar nos navios negreiros, os escravagistas obrigavam os escravos a fazer o ritual em torno dessa árvore do esquecimento para deixarem suas vidas, histórias e cultura para trás e então serem rebatizados com nomes cristãos. (SANTOS, 2019, p. 11).

Buscar uma conexão com a ancestralidade, é buscar todo esse conhecimento que aqueles que foram escravizados lutaram para manter vivo - “As histórias não são apenas um pedaço de cada povo antigo: são pedras fundamentais para reconstruir novos impérios culturais africanos pelo mundo.” (SANTOS, 2019, p. 12).

A busca pela ancestralidade se tornou parte de um movimento de resistência. Nos últimos anos parte da população negra no Brasil tem se voltado para o resgate de sua história, reescrevendo a história do negro no Brasil. O retorno à ancestralidade, a busca por um passado que não está escrito na historiografia oficial, tem levado cineastas negros, escritores, dentre outros artistas, profissionais da comunicação e outras áreas, serem porta-voz dessa reescrita da história do negro no Brasil, bem como a valorização de sua cultura, o resgate da memória negra, fortalecendo a autoestima do negro e provocando outros tantos negros a se identificarem.

Posteriormente, a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sociopolítico fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. (OLIVEIRA, 2009, p.3)

Com o crescimento do debate sobre negritude no Brasil, a busca pela reconexão com os elementos que construíram a identidade do povo negro é de extrema importância. Neste processo de reconexão com a ancestralidade, os elementos culturais soterrados pelo decorrer do tempo têm papel central nessa afirmação. Entender que grande parte do que é a brasileira, é na verdade uma mistura com muita influência do que os povos escravizados trouxeram de seus locais de origem, abrem portas para buscar a fundo elementos culturais que ainda permanecem pouco conhecidos.

4. CULTURA AFROBRASILEIRA

A cultura brasileira é gigantesca, possuímos diversas manifestações, algumas que são conhecidas mundialmente. Ela é reflexo de um longo processo de construção, misturando elementos de diversos grupos étnicos que, por diversas razões, boas ou ruins, vieram para o Brasil.

Ritmos brasileiros são referência para músicos do mundo todo, o samba, a bossa nova, o axé, tem grande força cultural, a capoeira é uma luta que tem sua origem no Brasil, nossa literatura é riquíssima com grandes escritores e pensadores como, Machado de Assis, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, entre outros. Muito do que é cultuado da cultura brasileira tem origem em povos negros que vieram para o Brasil, porém é interessante pensar em como isso foi apropriado por classes mais altas e reformulado para esconder a cor da pele de quem forjou os alicerces dessa construção cultural.

Os principais ritmos brasileiros têm traços da cultura africana, porém não são os rostos negros que povoam o imaginário coletivo nem o hall da fama. As estruturas da elite apropriam-se da herança ancestral, dissociam a manifestação cultural, ancestral e filosófica da comunidade negra e apresentam formatado para consumo, fazendo com que o público ame o produto, mas odeie os fabricantes. Ou seja: a cultura é apreciada, mas o negro é exterminado, inclusive exterminado da vida. (SILVA, 2020, p. 1)

Em 2003, a Lei nº 10639/03 alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", é interessante notar que foi preciso de uma lei para que a cultura afro

brasileira passasse a ser mais conhecida e discutida nas escolas, cultura essa que está no dia a dia de quase todos os brasileiros, mas que se vê vítima da invisibilidade de anos.

Muito da cultura afro brasileira se viu relegada a uma caracterização de folclore, como uma forma de colocar essas expressões culturais como algo menos erudito, como diz Eduardo Oliveira:

As culturas africanas e afro-brasileiras foram relegadas ao campo do folclore com o propósito de confiná-las ao gueto fossilizado da memória. Folclorizar, nesse caso, é reduzir uma cultura a um conjunto de representações estereotipadas, via de regra, alheias ao contexto que produziu essa cultura. Uma estratégia de dominação efetiva é alienar do sujeito cultural sua possibilidade de produzir os significados sobre seus próprios signos idiossincráticos. Uma vez alienado, desvia-se a produção de significados sobre sua cultura para os sujeitos que não vivenciam, e, pelo contrário, aproveita-se da cultura agora explorada semiótica e economicamente... (OLIVEIRA, 2009, p.1)

É de extrema importância que elementos culturais de raízes afro brasileiras sejam devidamente creditados e que ganhem o reconhecimento que merecem, o povo negro merece ter suas contribuições culturais respeitadas, e não apropriadas por pessoas ou grupos que a deturpem. O cinema como uma arte que conta histórias e cria narrativas pode ter um grande papel contribuindo para a disseminação de narrativas que trazem elementos da cultura afro-brasileira nas suas histórias.

Existem diversos mitos e histórias que podem ser incorporados a narrativas cinematográficas, um universo de possibilidades pode ser construído usando essas histórias que trazem negros e a cultura negra para primeiro plano dando visibilidade para um povo que por anos não se identificou com as narrativas produzidas.

5. O QUIBUNGO



Figura 4. Quiungo.

Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/PERSONAGEM/quibungo-/43366>

Entre as várias histórias de origem afro brasileira existe uma que fala sobre um ser misterioso chamado Quibungo. Em pesquisa sobre esta figura, no livro - “De Quibungos e meninos: Um apanhado de histórias de bicho-papão em África e Brasil - organizado por Gleicienne Fernandes e Mariana Pithon, verificamos que esse ente se conecta a um ente existente no Congo e Angola, onde Quibungo significa lobo, dois países africanos, que tiveram muitos povos escravizados enviados ao Brasil, especificamente para região da Bahia. Este ser de aparência que mistura características humanas com animais, segundo as histórias também possui uma grande cabeça e uma espécie de boca nas costas, perto da região da nuca, por onde devora suas vítimas.

A lenda do Quibungo chega no Brasil através do povo Bantu e se fixa no estado da Bahia, apesar de as narrativas sobre esse ser terem vindo de origens africanas, o mito em torno dessa figura se consolida no estado e nele permanece sem se espalhar

para outras regiões do país, um fato curioso se pensarmos que diversos mitos conseguiram se espalhar pelo território brasileiro.

A influência africana é determinante, mas curiosamente, não serviu de veículo para outros estados do Brasil. Negros escravos bantus se espalharam por toda parte. Em Pernambuco ficaram muitos. O Quibungo não os acompanhou. Nem mesmo Sergipe, como notou o erudito professor Basílio de Magalhães, que é “fruta baiana”, recebeu visita do animalejo. O Quibungo ficou baiano. E continua baiano... Se o Quibungo fosse inteiramente uma criação africana andaria como uma sombra junto aos seus negros, fiel ao espírito da raça que o fizera nascer. (FERNANDES E PITHON, 2010, p. 69)

O Quibungo, em sua concepção como mito, assim como outras histórias que vão além da cultura brasileira, tem uma função de alertar principalmente as crianças sobre a necessidade de se comportar e obedecer aos mais velhos. Ele é o ser que ataca aqueles que ficam sozinhos na mata à noite, é aquele que chega de repente e devora sua vítima, gerando medo e terror naqueles que vivem na localidade onde o Quibungo ataca.

Enquanto monstruosidade, o quibungo é um monstro cultural e pedagógico, na medida em que simboliza a interdição de um comportamento, agindo sempre quando há a quebra deste: deixar uma porta aberta ou permanecer na mata à noite. Ele também possui um caráter de invasor, é aquele que tem a sua existência desconhecida pelas pessoas e vem não se sabe de onde nem quando, trazendo consigo a instabilidade, a destruição e a violação e, por esses motivos, deve ser temido e dele se proteger. (FERNANDES E PITHON, 2010, p. 5)

Iniciativas como a do professor, ilustrador e quadrinista Marcelo D'Saete, que traz em sua HQ “Cumbe” de 2016, vencedora do prêmio Eisner*, que conta a história do povo negro escravizado no Brasil colonial, dividida em várias narrativas a HQ traz em uma delas, intitulada “Malungo”, uma história onde é contado o mito do Quibungo. O livro foi publicado em diversos países e venceu grandes prêmios, como o Eisner de 2018, isso mostra o poder que as narrativas afro-brasileiras possuem.

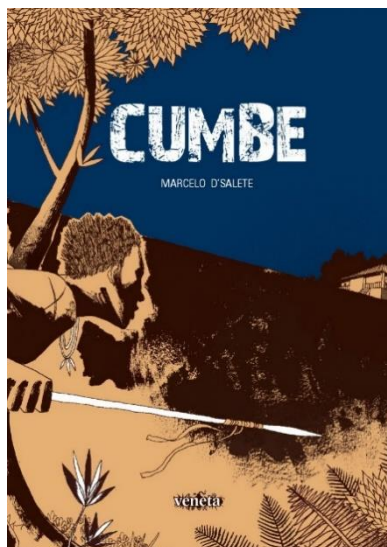


Figura 5. HQ "Cumbe", Marcelo D'Saleta. Fonte: <https://veneta.com.br/produto/cumbe/>

Apesar de ser uma parte da cultura brasileira, o Quibungo ainda é pouco conhecido, muito disso ligado ao fato de sua lenda ter ficado muito restrita ao estado da Bahia, e assim como essa história muitas outras de origem afro-brasileira ainda permanecem invisíveis a maioria dos brasileiros. O resgate e divulgação dessas histórias que são partes da nossa cultura são de grande importância num processo de reencontro com a ancestralidade, e construção de uma maior identificação do povo negro como suas origens. Além disso, é importante para que todos os brasileiros, possam conhecer a pluralidade que é a cultura do seu país.

6. CURTA-METRAGEM ANCESTRAL

Vivemos em uma sociedade em que a cada dia vemos que a questão do racismo continua mais presente do que nunca, todos nós temos nossas diferenças, particularidades que nos fazem seres individuais e únicos, e está tudo bem em ser diferente, a luta pelo reconhecimento dessas diferenças é algo natural e necessário para que se possa construir uma sociedade mais plural, em que todos tenham direitos, e por isso é de extrema importância discutir e combater todas essas formas de preconceitos.

O racismo é uma construção social de centenas de anos, imposta pela colonização europeia sobre os povos negros e indígenas, e sua desconstrução não é uma tarefa simples, pois ela bate de frente com interesses e relações de poder há muito tempo estabelecidas, por isso é necessário que as discussões sobre o tema estejam presentes nos mais variados meios de comunicação.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. (MUNANGA, 2004, p.6)

O cinema com suas narrativas e com a sua capacidade de tocar pessoas dos mais variados lugares é um instrumento muito forte para a desconstrução do olhar e desses tipos de ideias retrógradas.

O curta *Ancestral* surge a partir dessa necessidade de trazer para tela narrativas que busquem explorar as raízes negras que construíram o Brasil e de onde descendem mais da metade da população. Ele vem para questionar toda uma sociedade que apagou a história de um povo e os tornou escravos, e como os afrodescendentes os tiveram negado a conexão com sua ancestralidade.

“Refletir sobre a ancestralidade no Brasil é refazer caminhos de esquecimentos e omissões, e na contemporaneidade é refazer caminhos de resistência e ressignificações.” (FREITAS e SANTOS, 2018, pág. 130). Entender de onde se vem e quem são suas origens é de extrema importância para se entender como indivíduo no presente. A narrativa do curta-metragem *Ancestral* busca como proposta mostrar a reconexão da personagem Dandara com sua ancestralidade a partir da sua experiência com o Quibungo. É a partir do encontro com esse ser misterioso que Dandara percebe que o vínculo com suas raízes ainda é muito raso.

O roteiro do curta-metragem busca construir uma narrativa que mistura elementos de horror/terror com o fantástico, criando um universo onde a presença desse ser misterioso, o Quibungo, é possível.

A transformação que acontece na protagonista, a partir do seu processo de conexão com a ancestralidade, é o ponto chave para o desenvolvimento da história.

O medo que permeia a vida de alguém que sofre com o racismo em uma sociedade que a cada dia caminha para um retrocesso, que a muito se pensou ter se superado, é um dos elementos que serão usados para criar uma atmosfera de terror/suspense.

Os números de violência contra pessoas negras no Brasil são alarmantes, em estudo realizado pela Rede de Observatórios de Segurança¹⁰ é possível constatar que a grande maioria dos mortos em ações policiais são negros. Segundo o relatório, a Bahia, estado no qual permanece o mito do Quibungo e elemento central na construção desta história, apresenta índice de 96,9% do total de mortos são negros.

Ser negro no Brasil não é fácil, o medo e a desconfiança estão sempre presentes e as oportunidades não são iguais as das pessoas de pele branca. Por isso, diariamente é preciso lutar contra o racismo estrutural, que trabalha para impedir que pessoas negras consigam acessar ou assumir espaços de poder na sociedade, como o advogado, filósofo e professor universitário Silvio Almeida traz em seu livro “O que é Racismo Estrutural?”:

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que "ocorre pelas costas dos indivíduos lhes parece legado pela tradição". (ALMEIDA, 2018, p. 38)

O curta-metragem *Ancestral* busca tratar das questões raciais vivenciadas por uma personagem negra utilizando do recurso do fantástico na narrativa, através do mito do Quibungo.

Ao mesmo tempo que o filme abordará o tema de ancestralidade, o vínculo com uma herança cultural que acabou ficando desconhecida, e o racismo que é tão presente na sociedade atual, trago uma figura mística que quebra o compromisso de retratar com verossimilhança a realidade, e me possibilita desenvolver um universo onde seres místicos possam existir.

A dualidade que faz parte do ser humano, os conflitos internos que possuímos são elementos que estarão presentes na história, a fim de construir uma narrativa que ao mesmo tempo reflita a sociedade em que vivemos. Utilizarei de alegorias e da mistura de gêneros, o terror/horror, o fantástico, que constroem um universo

¹⁰ Relatório *A cor da Violência Policial: A Bala não Erra o Alvo*, de dezembro de 2020, que analisou dados dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

próprio e com uma mitologia que oferece para a história dinâmica e possibilidades diversas de expansão.

Trazemos como referência de direção de cinema o trabalho realizado pelo cineasta Jordan Peele, que apresenta em seus filmes retratos da sociedade contemporânea e suas contradições. Um exemplo disso é o trabalho realizado nos longas-metragens *Corra!* (*Get Out*, 2017) e *Nós* (*Us*, 2019). Nestes filmes o cineasta traz atores negros como protagonistas da história e a partir disso constrói alegorias que permitiram que a obra fosse tanto questionadora quanto considerada um bom filme comercial.

Junto a isso quero trazer para o filme elementos dos filmes clássicos de terror, do subgênero slasher como “Pânico”, “Halloween” e “Massacre da Serra Elétrica”, a tensão da vítima que é perseguida por um assassino, onde sua vida fica por um fio e nada mais resta diante de um destino inevitável. Elementos que se tornaram a chave para se construir tensão e assustar o público, e que continuam a ser trabalhados no cinema atual.

Dentro do universo fantástico que proponho construir, também busco referências no cinema nacional. Diversos diretores já trazem isso em suas obras, e me inspiram, pois mostram que é possível fazer isso no Brasil. O cineasta Rodrigo Aragão vem construindo em seus filmes um universo que traz diversos elementos culturais brasileiros dentro do gênero de horror, os diretores Juliana Rojas e Marco Dutra, trouxeram em seu filme “As Boas Maneiras”, um horror fantástico e mostram que essas narrativas têm espaço dentro no cinema nacional.

Por fim *Ancestral* busca trazer o corpo negro para dentro de uma narrativa que ao mesmo tempo traz pontos sensíveis da nossa sociedade, mas que também não está cem por cento comprometida em retratar tudo em sua mais perfeita verossimilhança, já que em um ambiente onde é possível existir um ser como o Quibungo abre portas para que diversas outras figuras se tornem presentes.

6.1. SINOPSE

Dandara, uma jovem de 20 anos, está em um processo de descoberta de sua ancestralidade, quando apresentada ao mito do Quibungu ela percebe o quanto ainda tem para conhecer, diante disso busca em sua avó, Selma, explicações. Ao voltar da faculdade a noite ela é atacada por um homem, sufocada e com a vida por um fio sente um alívio e percebe que o agressor já não está mais lá, só um rastro de sangue no chão que vai em direção às sombras.

6.2. ARGUMENTO

ANCESTRAL

DANDARA, uma jovem de 20 anos, está num processo de descobrir sua ancestralidade, para isso busca em sua vó a ligação que precisa com suas origens. Em suas pesquisas sobre a cultura afro-brasileira ela é apresentada ao mito do quibungo, um ser místico muito próximo ao bicho papão. Impressionada com o ser, ela vai até a avó, SELMA, para saber se ela já ouviu falar sobre. Selma sua avó então conta que quando era criança os mais velhos falavam para ter cuidado a noite que o Quibungo poderia aparecer para pegar as crianças. Dandara acha curioso aquilo e frisa o fato de pouco se falarem sobre o mito.

Ao voltar para casa da faculdade, ela percebe que um HOMEM a persegue, andando rapidamente tentando se distanciar dele. Ela olha para trás e acredita ter se livrado, porém ao continuar seu caminho o homem aparece novamente na sua frente. Ela decide correr e procurar ajuda, porém o homem a persegue até que ela tropeça e cai no chão. Desesperada ela grita por alguém, em vão, o homem a segura com força e diz - “é hoje que você morre sua neguinha”, ela pede por ajuda, porém o homem começa a apertar seu pescoço e ela não consegue respirar, se debatendo no chão continua a tentar se livrar, porém ele é muito forte.

Dandara está quase apagando quando um som vem de trás das árvores, sua visão está turva ela e o ar já não é mais suficiente quando então vem na sua mente a frase “O quibungo se esconde nas sombras”, então um alívio toma conta dela e o ar volta a entrar em seus pulmões. Desnorteadada, ela levanta rapidamente e procura pelo agressor até que percebe um rastro de sangue que leva para um breu, com muito medo olha em volta pra ver se alguém mais está por ali e não vê nada. Muito abalada ela pega suas coisas do chão e corre.

6.3.ROTEIRO

ANEXO na página 46

6.4. DELINEAMENTO ESTÉTICO

6.4.1. FOTOGRAFIA

Para fotografia a ideia é conciliar o uso de câmera na mão e com bastante movimento, pouco estabilizada, com momentos de câmera fixa ou de movimentos bem suaves e estabilizados. A câmera na mão vem como forma de dar as cenas de maior ação dinâmica e causar no espectador um desconforto, contrastando com a câmera fixa ou de movimentos bem estabilizados que aparece acompanhando os personagens trazendo para o filme a dualidade do agressivo com o sutil, que é também reflexo do que se passa com a protagonista.

As escolhas dos enquadramentos buscam utilizar de planos médios para ficar próximo dos personagens ao mesmo tempo que ainda conseguimos observar suas ações e nos conectar com eles. Com isso podemos ver um pouco do ambiente ao seu redor, e a partir disso outras escolhas de planos virão com o objetivo de criar tensão e suspense, primeiros planos e detalhes colocando o espectador bem perto dos personagens e seus objetos, e os planos gerais aparecerão apenas como forma de entendermos aquele ambiente no qual o personagem está.

6.4.2. SOM

Na trilha sonora quero evidenciar os sons do cotidiano, ruídos que acabam por passarem despercebidos, o som do ambiente em volta se projeta de forma a criar uma sensação de enclausuramento na personagem, junto a isso, uma liberdade para criar sons na pós, que não necessariamente precisem ter verossimilhança com sons reais, em um trabalho de sound design.

Também buscarei a criação de flashbacks sonoros para criar uma maior imersão na cena onde a avó da protagonista conta o mito do Quibungo, e junto a esse flashback a ideia é também trazer a frase “o Quibungo mora nas sombras”, como uma repetição sonora que será ouvida pela personagem em sua mente em determinados momentos da história.

Chegando no final do filme, quero trazer a presença desse ser místico através de uma criação sonora, o ser que vive nas sombras tem sua presença e grandeza,

construídos a partir de ruídos, respiração, passos grunhido, diversos sons que materializaram o Quibungu.

Para trilha musical a ideia é trazer ritmos afro-brasileiros como, coco, maracatu, ijexá, misturando-os com elementos mais contemporâneos da música. As batidas anunciam o que está por vir e ajudam a criar tensão durante as cenas onde a câmera vai estar fazendo movimentos mais bruscos.

6.4.3. ARTE

Trabalhar com contrastes é o que define a proposta para a direção de arte. A ideia de dualidade é algo muito importante para história, trabalhar o antigo e o novo, o contraste arquitetônico no ambiente de cidade urbanizada da atualidade, bom e mau, certo ou errado. As escolhas dos personagens refletem a dicotomia da existência e arte mostra através de objetos e cores esses conflitos, a polarização da sociedade atual quem tem levado cada vez mais a pensamentos extremistas são pontos a serem refletidos na arte. Para isso, a paleta de cores será baseada no uso de cores complementares.

Dentro da direção de arte um papel muito importante é o da caracterização da personagem, a busca pelo entendimento de sua ancestralidade e contato com a cultura afro brasileira ficará mais perceptível por seu cabelo e pelos objetos que são encontrados em seu quarto, os livros, as roupas, acessórios entre outros.

6.4.4. ATUAÇÃO

Para atuação, a ideia é que seja marcado cada detalhe que é posto em cena é pensado e acontece por um propósito, porém sem que se perca a naturalidade, pois mesmo com a marcação e deixando pouco espaço para improvisação quero conseguir um certo grau de naturalidade e fluidez que proporcione junto os outros pontos anteriormente explicitados a construção de uma mise-en-scène que prenda o espectador e o deixe imerso dentro da narrativa.

A dinâmica entre vó e neta é algo que planejo explorar a forma como se olham, como falam, a sabedoria da mais velha, a mentora, que passa para a jovem curiosa e que busca conhecer mais sobre suas origens o conhecimento de uma vida.

6.4.5. MONTAGEM

A montagem seguirá a linear, utilizando de cortes secos e ritmados para construir a narrativa, a dinâmica dos cortes buscará construir o suspense e a tensão, o filme e sua primeira metade vem com menos cortes, e a partir da sequência final ganha mais velocidade trazendo o dinamismo e a tensão necessária para acompanhar os acontecimentos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero de horror/terror sempre despertou minha curiosidade e com o passar do tempo isso se tornou uma paixão, após se passar alguns anos desde que entrei no curso de cinema e audiovisual me encontro agora em seu momento final, e percebo que encontrei nesse gênero o lugar onde posso contar as histórias que gostaria de ver na tela, e as histórias que acho que deveriam ser contadas, que falem sobre o racismo, sobre a dificuldade que o negro enfrenta, e que também falem sobre a identidade negra e sobre a riqueza da cultura afro-brasileira.

O horror tem a capacidade de nos fazer sentir emoções de maneira que sentimos medo de coisas que temos consciência que não existem. A construção de um universo onde a realidade da narrativa é feita de maneira a jogar o espectador em um mundo de imersão, que o faz ignorar uma parte racional de seu cérebro e acreditar naquilo que ele está assistindo é algo mágico.

Apesar de nos últimos anos o gênero ter ganhado mais força por conta de produções nacionais e internacionais que chamaram a atenção, produzir um filme de horror/terror ainda é uma tarefa bastante árdua, diante da falta de recursos e precariedade de investimentos, talvez um pouco mais do que produzir gêneros considerados mais cults, porém para aqueles que amam o horror sempre será possível produzir essas obras.

Poder construir uma obra em que junto horror e o fantástico em uma narrativa que traz como um dos elementos principais um ser pertencente a cultura afro-brasileira, e que ainda é tão desconhecido pela grande maioria me anima, porque só mostra o quão rica é a cultura do nosso país e como isso oferece uma infinidade de possibilidades para se desenvolver narrativas que fujam dos grandes centros e tragam faces e personagens do Brasil que ainda não são conhecidos.

A construção do roteiro de *Ancestral* foi e está sendo, já que até ele se tornar uma obra audiovisual de fato muitas coisas podem mudar, uma tarefa desafiadora. Construir uma narrativa que fale sobre ancestralidade afro brasileira com elementos de terror e fantástico é bem complexo, a busca constante para que mesmo que indiretamente não reforçar algum estereótipo negativo com a comunidade negra, foi algo que me pôs em constante reflexão.

As pesquisas e leituras para a construção desse trabalho me possibilitaram uma maior capacidade de ver o gênero de terror e a partir buscar formas de transformar a história que eu tinha na cabeça em um roteiro. Entender a evolução do gênero de terror, e como a representação do negro se deu nos filmes do gênero ao longo dos anos foi bastante importante para saber onde eu queria chegar com *Ancestral*. A forma como o cinema de horror brasileiro aconteceu, mostrando que o fantástico sempre esteve presente, seja em seus primórdios com Zé do Caixão, seja mais recentemente com uma nova leva do terror nacional, só me fez ter certeza de que estou no caminho certo.

Junto ao entendimento do horror me debrucei em conhecer melhor as questões sobre ancestralidade e sua importância. Parte da luta contra o racismo passa pelo entendimento da sua ancestralidade, se reconhecer como sujeito parte de um povo que possui uma cultura muito rica, é fundamental para se afirmar dentro de uma sociedade racista e que se apropria de nossa cultura, ao mesmo tempo em que nos tira do protagonismo de nossas histórias.

A diversidade de narrativas que podem ser construídas se nos voltarmos a pesquisar a cultura brasileira mais a fundo e conhecer mitos que como o do Quibungo, que ficaram centrados apenas em algumas regiões. Criar e produzir essas obras é um ato de resistência, como o movimento Antropofágico pensava, não devemos negar o que vem de fora, mas sim nos utilizar o que é feito absorvendo o conhecimento e o utilizando para dar vida a nossas próprias histórias com os elementos que fazem parte da cultura brasileira e que nos tornam únicos.

Diante disso o curta-metragem *Ancestral* ainda é uma obra em construção, que eu espero que um dia venha a se tornar uma obra de fato, é uma história que merece ser contada e que traz elementos que dialogam com vários tipos de público. Passamos por um momento difícil, onde a humanidade enfrenta a pandemia do COVID-19, que já matou mais de meio milhão de brasileiros, muito disso agravado por um governo incompetente e criminoso, comandado por um presidente que nada fez a não ser negar a ciência. Esse triste momento que passamos foi o principal fator que impediu a produção do curta-metragem *Ancestral*, porém é também a oportunidade de continuar trabalhando e desenvolvendo este roteiro para alcançar um produto mais bem construído e que possa causar um impacto maior em quem o assista.

Termino esse ciclo, e espero que um dia esse filme possa ser assistido pelo maior número de pessoas possível. Fazer cinema no Brasil não é fácil, porém não desistiremos e resistiremos!

8. REFERÊNCIAS

- ANCESTRALIDADE.** In: DÍCIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ancestralidade/>>. Acesso em: 11/07/2021.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é o racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- CÁNEPA, Laura Loguercio. **Medo de quê? - uma história do horror nos filmes brasileiros.** / Laura Loguercio Cánepa – Campinas, SP: [s.n.], 2008.
- CARROLL, Noel. **A filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração**, Campinas: Papirus, 1999.
- CESAR, Irmão. **O Solar Do Diabo, O Primeiro Filme De Terror Do Mundo.** Macabra, 22 de abril de 2019. Disponível em: <<https://macabra.tv/o-solar-do-diabo-o-primeiro-filme-de-terror-do-mundo/>>. Acesso em 16 de dezembro de 2020.
- COLEMAN, Robin R. Means. **Horror Noire: A representação do Negro no Cinema de Terror.** Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019.
- FERNANDES, Gleicienne; PITHON, Mariana. **De Quibungos e Meninos Um apanhado de histórias de bicho-papão em África e Brasil.** Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2010.
- FREITAS, Ricardo Oliveira de; SANTOS, Sandra Andrade dos. **Ancestralidade negro-brasileira no romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo.** São Gonçalo: SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, 2018.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira* [S.l: s.n.], 2004.
- OLIVEIRA, E. **Epistemologia da ancestralidade.** Entrelugares: revista de sociopoética e abordagens afins, Porto, v. 1, 2009
- SANTOS, Ale. **Rastros de Resistência, histórias de luta e liberdade do povo negro** - São Paulo: Panda Books, 2019

SANKOFA - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana/Núcleo de Estudos de África, Colonialidade e Cultura Política – Número XXIV, Ano XIII, novembro. São Paulo, NEACP, 2020.

SILVA, Henrique Araújo da. **Ancestralidade Africana e Apropriação Cultural**. Correio Braziliense, 18 de julho de 2020. Disponível em:<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniaao/2020/07/18/internas_opiniaao,873201/ancestralidade-africana-e-apropriacao-cultural.shtml>. Acesso em 21 de junho de 2021

9. REFERÊNCIAS FILMICAS

SOLAR DO DIABO (LE MANOIR DU DIABLE); Direção: George Méliès. França: 1896.

GABINETE DO DOUTOR CALIGARI (CABINET DES DR. CALIGARI); Direção: Robert Wiene. Polônia: 1920.

NOSFERATU (NOSFERATU, EINE SYMPHONIE DES GRAUENS); Direção: Friedrich Wilhelm Murnau. Produção: Prana-Film. Alemanha: 1922.

DRÁCULA; Direção: Tod Browning, Karl Freund. Produção: Universal Picture. Estados Unidos, 1931.

FRANKSTEIN; Direção: James Whale. Produção: Universal Picture. Estados Unidos, 1931.

O MONSTRO DA LAGOA NEGRA (CREATURE FROM THE BLACK LAGOON); Direção: Jack Arnold. Produção: Universal Picture. Estado Unidos: 1954.

A NOITE DOS MORTOS VIVOS (THE NIGHT OF THE LIVING DEAD); Direção: George A. Romero. Produção: Image Ten. Estados Unidos, 1968.

O EXORCISTA (THE EXORCIST); Direção: William Friedkin. Produção: Hoya Productions. Estados Unidos, 1973.

O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA (TEXAS CHAIN SAW MASSACRE); Direção: Tod Hooper. Produção: Vortex. Estados Unidos, 1974.

PÂNICO (SCREAM); Direção: Wes Craven. Produção: Woods Entertainment. Estados Unidos, 1996.

BRUXA DE BLAIR (THE BLAIR WITCH PROJECT); Direção: Daniel Myrick, Eduardo Sánchez. Produção: Haxan Films, Estados Unidos, 1999.

A MEIA NOITE LEVAREI A SUA ALMA; Direção: José Mojica Marins. Produção: Cinematográfica Apolo. Brasil, 1964.

ESTÁ NOITE LEVAREI SEU CADÁVER; Direção: José Mojica Marins. Produção: Ibéria Filmes. Brasil, 1967.

ENCARNAÇÃO DO DEMÔNIO; Direção: José Mojica Marins. Produção: Fox. Brazil, 2008.

MORTO NÃO FALA; Direção: Dennison Ramalho. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre, Globo Filmes, Canal Brasil. Brasil, 2019.

TRABALHAR CANSA; Direção: Juliana Rojas, Marco Dutra. Produção: Dezenove Som E Imagens. Brasil, 2011

AS BOAS MANEIRAS; Direção: Juliana Rojas. Produção: Dezenove Som E Imagens, Urban Factory, Good Fortune Films, Globo Filmes. Brasil: 2018.

CORRA (GET OUT); Direção: Jordan Peele. Produção: Blumhouse Productions, Monkeypaw Productions, QC Entertainment. Estados Unidos, 2017.

NÓS (US); Direção: Jordan Peele. Produção: Monkeypaw Productions, Perfect World Pictures. Estados Unidos, 2019

10. ANEXOS

A seguir anexo do roteiro do curta-metragem *Ancestral*, seguido do storyboard de referências para a construção do filme. Todas as imagens presentes nesse storyboard foram retiradas site SHOTDECK, uma plataforma que conta com milhares de fotos, de filmes produzidos pelo mundo todo, e que auxilia os mais variados membros da indústria criativa a buscar referências.

ANCESTRAL

Escrito por

Sergio Lucas

EXT. RUA - NOITE

A rua está deserta e a iluminação pública não é boa, carros passam.

DANDARA, vestida toda de branco e com as mãos nas alças da mochila, vem andando pela calçada irregular de seu bairro.

Um carro passa por ela e buzina para ela, Dandara fala baixo:

DANDARA

Otário!

Dandara segue pela rua sozinha.

INT. SALA DA CASA - NOITE

A maçaneta da porta gira, Dandara entra em casa.

SELMA sua avó sentada no sofá, com um xícara de chá assistindo TV.

SELMA

Você tá chegando muito tarde, é perigoso andar sozinha a essa hora.

DANDARA

Eu sei vó, mas é a hora que eu saio da faculdade

SELMA

O mundo parece que a cada dia fica pior, me preocupa você nessas ruas do jeito que tão.

Na TV é noticiado mais um caso de violência.

Dandara olha pra TV.

DANDARA (COM A VOZ MAIS BAIXA)

Realmente, não ta fácil.

Dandara vira para a avó.

DANDARA

Vó, boa noite vou tomar um banho e ir dormir

SELMA

E não vai comer nada?

DANDARA
Já comi na faculdade, só quero
descansar agora.

SELMA
Unrun

DANDARA
Boa noite vó!

Dandara caminha em direção ao seu quarto e diz:

DANDARA
Não vá dormir tarde vendo essas coisas

SELMA
Viu, querida!

Selma direciona o olhar para a janela, e bebe seu chá. Ao fundo é possível ouvir noticiário, que passa na TV.

INT. QUARTO - DIA

Vemos o quarto de Dandara, livros em cima da escrivaninha ao lado de seu notebook.

O despertador do celular toca.

Dandara levanta e prende o cabelo.

INT. BANHEIRO - DIA

Torneira é aberta, Dandara se olha no espelho e joga água no rosto.

INT. COZINHA - DIA

Selma está em sua cozinha, com muitas plantas, fazendo o café quando Dandara aparece.

DANDARA
Bom dia vó!

SELMA
Bom dia minha neta
Dormiu bem, filha?

DANDARA
Dormi sim

Dandara abre o armário pra pegar uma caneca, enquanto sua vó está no fogão.

DANDARA

Vó, deixa eu te perguntar um negócio.

Você já ouviu falar num tal de Quibungo?

SELMA

Onde é que você escutou esse nome?

Enquanto fala, Dandara anda até a mesa , aperta a garrafa de café, e enche a caneca.

DANDARA

Eu tava estudando umas coisas e me deparei com esse nome

Selma escuta a neta falar enquanto olha em direção a janela

DANDARA

Vi que parece ser uma lenda do interior, aí como a senhora é de lá pensei que pudesse conhecer.

SELMA

Humm...

Há muito tempo atrás quando eu ainda era criança...

Selma ri.

os mais velhos falavam muito sobre ele.

Dandara coloca a caneca na mesa, e puxa a cadeira para sentar.

DANDARA (EMPOLGADA)

Sabia que você ia conhecer essa história!

SELMA

O Quibungo se esconde nas sombras, só esperando um menino mal criado pra comer.

Dandara dá uma pequena risada.

SELMA (MAIS SÉRIA)

Isso não é brincadeira minha neta, o Quibungo é um bicho grande com um boca nas costas.

Os mais velhos diziam que a gente tinha que respeitar eles e não fazer coisa errada senão ele viria nos pegar.

Enquanto Selma fala escutamos o som de crianças brincado na mata, até que uma mulher mais velha os chama para casa.

VOZ DE MULHER

Tá na hora de entrar!!!

VOZ DE CRIANÇAS

Já tamos indo, só mais um pouco!

VOZ DE MULHER

Andem logo senão ele vem pegar vocês!

Ouvimos as crianças correndo.

Dandara toma seu café.

DANDARA

Então ele é um bicho papão pra assustar as crianças?

SELMA

O Quibungo é real!

Dandara ri.

SELMA

Se você estiver na mata a noite e chamar o seu nome ele aparece pra te pegar.

Ele vive nas sombras, sempre de olho.

Dandara olha para o celular e vê que está na sua hora

DANDARA

Que história, hein vó!

Selma pega um prato.

DANDARA

Tá na minha hora, preciso ir

Selma coloca o cuscuz no prato.

SELMA
Bom trabalho

DANDARA
Tchau vó.

SELMA
Tchau querida.

Dandara sai.

EXT. RUA - DIA

Dandara anda apressada para o ponto de ônibus, como a calçada não está em bom estado ela tropeça e esbarra em um homem.

HOMEM
Ei, presta atenção por onde anda garota!

DANDARA
Desculpa, foi sem querer.

Dandara vê seu ônibus vindo.

DANDARA
Eita!
Meu ônibus.

O homem fica parado enquanto Dandara corre para entrar no ônibus.

INT. - ESCRITÓRIO - DIA

Dandara vem entrando, pelo hospital onde é enfermeira

DANDARA
Bom dia

Dandara entra em uma sala.

Coloca sua mochila sobre a mesa.

Seu chefe chega e a pede que ela verifique alguns medicamentos

Dandara passa por algumas salas do hospital.

Dandara está em uma sala atendendo uma criança, que está com sua mãe.

A criança está assustada e Dandara tenta acalmá-la.

Dandara se despede, das outras enfermeiras.

DANDARA
Tchau, até amanhã

EXT. FACULDADE - TARDE

Dandara vem adentrando pelo corredor da faculdade, muitos alunos se dirigem para suas salas.

INT. SALA DE AULA - CREPUSCULO

Dandara assiste a aula sentada ao lado da parede.

O professor fala, vemos os alunos comentado algo entre si.

Dandara escreve algo em seu caderno, e olha para a janela e percebe que já escureceu.

O professor faz suas comiserações, e encerra aula.

EXT. FACULDADE - NOITE

Dandara e mais três colegas vêm conversando, enquanto cruzam a faculdade.

Chegam a saída, e se despedem:

DANDARA
Deixa eu ir senão vou perder meu
ônibus.

AMIGA
Ei, não esquece de me enviar o texto
que você falou.

DANDARA
Pode deixar, envio sim!

Tchau galera, até amanhã.

Dandara caminha em direção ao ponto de ônibus.

EXT. RUA - NOITE

A rua tem pouco movimento, um ônibus para no ponto.

Dandara desce.

Ela anda em direção a sua casa.

Um gato passa e se esconde.

Dandara escuta na sua cabeça a frase que sua vó disse "O Quibungo se esconde nas sombras".

Ela ri de nervoso e continua a andar.

Quando vira a esquina ela avista um HOMEM, desconfiada ela acelera o passo e atravessa para o outro lado da rua. Ele começa a segui-la.

Dandara olha ao seu redor porem a rua está vazia e não há ninguém para ajudá-la, ela corre e vira a próxima esquina, olha para trás e não vê o homem.

Continua seu caminho até que o homem sai de uma rua paralela e a confronta.

DANDARA

Quem é você? O que você quer?

HOMEM

Só quero conversar com você mocinha

DANDARA

Eu não conheço você!

Dandara se vira e começa a correr pelo caminho que veio, ela procura ajuda, porém o homem a persegue até que ela tropeça e cai no chão.

Desesperada ela grita

DANDARA

Socorro!

O homem a segura com força

HOMEM

É hoje que você morre sua neguinha.

Ele começa a arrasta-la para um lugar onde chame menos atenção.

Dandara tenta se soltar porém o homem é forte e a segura com força.

DANDARA
Alguém me ajude!!!

Eles chegam a uma área de mata

HOMEM
Agora você vai ter o que merece

O homem começa a apertar seu pescoço e ela não consegue respirar, se debatendo no chão continua a tentar se livrar, porém ele é muito forte.

Dandara está quase apagando, um vento forte bate nas árvores e o som das folhas se torna alto.

Dandara escuta novamente em sua cabeça a voz da avó que diz

SELMA(APENAS VOZ)
O Quibungo se esconde nas sombras

A vegetação começa a se mexer bruscamente , o homem olha ao redor.

A visão de Dandara está turva a ponto de desmaiar.

Um som alto toma conta do lugar, o homem de repente dá um grito

HOMEM (ASSUSTADO)
O que é isso?!

Se ouve o barulho de uma criatura, uma espécie de rosnar ameaçador, que avança rapidamente.

HOMEM (ASSUSTADO)
Não!!!!!!

Dandara não está mais sendo enforcada, ela recobra a consciência e levanta rapidamente para fugir do agressor, quando se depara com a cena de carnificina que se tornou aquele lugar.

Dandara olha em volta pra ver se alguém mais está por ali e não vê nada.

DANDARA
Ei!

Dandara ouve um barulho que vem do mato

DANDARA
Quem tá aí?

Ela vê um vulto

fade out

STRORYBOARD ANCESTRAL

